



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE JORNALISMO

HANNAH FREITAS GONÇALVES

CONVIVER: TRAJETÓRIAS SOBRE CÂNCER DE MAMA

FORTALEZA

2019

HANNAH FREITAS GONÇALVES

CONVIVER: TRAJETÓRIAS SOBRE CÂNCER DE MAMA

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito básico para a conclusão do curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora: Profa. Ma. Dahiana dos Santos Araújo.

FORTALEZA

2019

RESUMO

O produto multimídia *Conviver* aborda a temática do câncer de mama no Ceará e apresenta ao visitante diferentes aspectos que constituem a vida de um paciente oncológico. O trabalho levanta questões relevantes sobre o tema, como o acesso à educação, à saúde e também apresenta métodos alternativos que somam aos tratamentos convencionais. Junto a isso, narra à trajetória de nove personagens que já passaram - ou ainda passam - pela doença e que vivem em diferentes condições sociais, econômicas e geográficas.

Palavras-chave: multimídia; câncer de mama; neoplasia; saúde.

RESUMEN

El producto multimedia *Conviver* aborda la temática del cáncer de mama en el Ceará y presenta al visitante diferentes aspectos que constituyen la vida de un paciente oncológico. El trabajo trae cuestiones pertinentes acerca del tema, como el acceso a educación, a salud, y también presenta métodos alternativos que suman a los tratamientos convencionales. Junto a eso, cuenta la trayectoria de nueve personajes que ya pasaron – o aún pasan – por la enfermedad y que viven en diferentes condiciones sociales, económicas y geográficas.

Palabras-clave: multimedia; cáncer de mama; neoplasia; salud.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
2. Justificativa.....	8
3. Objetivos.....	10
4. Referencial teórico.....	11
5. Suporte adotado.....	14
6. Metodologia.....	16
7. Estrutura do trabalho	19
8. Conclusão.....	21
Referências bibliográficas.....	26

1 INTRODUÇÃO

As Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) são responsáveis por 41 milhões de mortes ao ano e representam cerca de 62% de todos os óbitos do mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). As DCNT podem ser definidas como patologias não hereditárias e não transmissíveis, dentre elas, as principais são as doenças cardiovasculares e neoplasias (câncer).

O registro brasileiro de câncer, segundo o Ministério da Saúde (2018), se firma como um trabalho importante para o desenvolvimento da saúde pública nacional e por isso torna-se “um desafio para países em desenvolvimento” (BRASIL, 2018, p. 7). Esse motivo faz com que, desde 1995, o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (Inca) produza estimativas para a incidência da doença.

Os dados fornecidos para o biênio 2018-2019 revelaram a previsão de 600 mil novos casos no Brasil, por ano (BRASIL, 2018, p. 25). Os cânceres de próstata, pulmão, mama feminina, cólon e reto, colo de útero, estômago e esôfago estão entre os mais incidentes no solo brasileiro. Dentre as cinco regiões que compõem o nosso território, o Sul e o Sudeste somam cerca de 70% dos registros. O Nordeste, contudo, é o terceiro no índice geral da doença.

A importância de falar sobre câncer, neste caso, o câncer de mama, torna-se relevante ainda mais quando queremos tratar de questões como a saúde da mulher. Um dos casos da doença que teve grande repercussão no mundo foi o da apresentadora da British Broadcasting Corporation (BBC), Rachael Bland, que veio a óbito em agosto de 2018. Diagnosticada em 2016 e já em estágio avançado, Rachael juntamente com duas outras apresentadoras da mesma emissora estavam à frente do podcast *You, me and Big C* (Eu, você e o Grande C, onde "C" significa câncer). O programa tinha como principal objetivo falar abertamente sobre as experiências pessoais delas com a neoplasia, de forma franca e descontraída.

Apesar dessa iniciativa, no campo jornalístico brasileiro, a mídia costuma abordar o tema, grande parte das vezes, em períodos específicos, como os chamados “outubro rosa” e “novembro azul”, por exemplo. Na área da comunicação, portanto, torna-se de extrema importância que a produção de notícias/reportagens sobre o tema seja mais profunda, discutida e que possa caracterizar uma via de acesso direto entre o conteúdo de saúde/científico e o público alvo.

A prática de confrontar versões, expressa como a busca do contraditório, não existe na cobertura científica. (...) Desta forma, o papel do jornalista científico fica reduzido ao de “tradutor” de um conteúdo hermético para o público. Nas demais áreas do jornalismo, como a econômica, por exemplo, não existe o constrangimento de duvidar das fontes. No jornalismo científico o que acaba ocorrendo é apenas a divulgação da ciência. (LUIZ, 2004, p. 16)

Desse modo, ao jornalista confere, então, o papel de modificar essa realidade, e não ser identificado apenas um “tradutor” de conteúdos. Assim, dado o alto índice de diagnósticos e os problemas que envolvem a saúde pública brasileira, a temática necessita de atenção e estudos constantes por parte dos setores de comunicação. Vasconcelos (2005, p. 248) defende o jornalismo de saúde como um “processo de especialização”.

Surge, assim, o carácter híbrido, bipolar, desta variante do jornalismo, que atravessa, tentando reunir, dois territórios tradicionalmente distantes na comunicação social – sociedade e ciência. Se o jornalismo de saúde é considerado uma forma especializada de jornalismo, tal categorização deve-se, sobretudo, à sua componente mais recente. É na interacção com médicos, biólogos, farmacologistas, epidemiologistas, entre outros, que o jornalista de saúde assume a posição de descodificador de vocabulário, conceitos e discursos técnicos; tarefa que, efectivamente, não compete, senão, aos que se especializam em determinada área. (VASCONCELOS, 2005, p. 248)

Por meio de cartilhas educativas, manuais e estimativas oficiais, o Ministério da Saúde fornece material de apoio e enfatiza que “embora possa ser um tema difícil de tratar, falar abertamente sobre o câncer pode ajudar a esclarecer mitos e verdades e, com isso, aumentar a chance de enfrentamento da doença” (BRASIL, 2014, p. 2).

O Câncer de Mama (CA de Mama) caracteriza-se como o mais frequente entre as mulheres brasileiras, com estimativa de 59 mil casos para os dois últimos anos, porém, também pode acometer os homens, em casos mais raros. O jornal Diário do Nordeste¹, em fevereiro de 2018, apresentou uma notícia de que apenas no estado do Ceará existe a possibilidade de 22.750 identificações da neoplasia maligna no público feminino.

O processo de constatação da doença é fundamental. Conforme divulgado pela BBC Brasil², quando ela é descoberta ainda em estágio inicial, 70% das pacientes não precisam recorrer ao tratamento com quimio e radioterapia. Para isso, a prevenção regular com exames clínicos e autoexame é imprescindível. Nas últimas décadas, com os consideráveis avanços no mapeamento da neoplasia, médicos e entidades de saúde ressaltam a importância de um suporte físico, médico e psicológico de qualidade para o atendimento das mulheres. Apesar

¹ Ceará pode ter 22,7 mil novos casos de câncer em 2018, afirma Inca. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/ceara-pode-ter-22-7-mil-novos-casos-de-cancer-em-2018-afirma-inca-1.1890415>> . Acesso em 17 set. 2018

² Pesquisa conclui que 70% de mulheres em estágio inicial de câncer de mama não precisam de quimioterapia. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44350057>>. Acesso em 17 set. 2018

das leis que asseguram esse direito à saúde para pacientes oncológicos, o sistema público de saúde brasileiro, em sua maioria, ainda carece de incentivo financeiro e social.

Assim como os demais cânceres, o Câncer de Mama precisa de um diagnóstico específico para que os números sejam identificados de forma mais precisa. No entanto, nem todas as cidades dispõem de equipamentos (físico e humano) de qualidade para a população, o que dificulta o recolhimento dos dados e gera, muitas vezes, a concentração de atendimento nas capitais.

Conviver: trajetórias sobre câncer de mama nasceu da necessidade de explorar o assunto de forma mais densa, de modo esclarecedor para a grande maioria dos públicos, principalmente para o estado do Ceará. Somou-se a isso o desenvolvimento de uma produção multimídia, através do *webjornalismo*, com os diferentes elementos que constroem a vida de um paciente oncológico, desde temáticas como saúde da mulher até percepções mais individuais sobre o processo de tratamento.

2 JUSTIFICATIVA

Cestari (2005) aborda no estudo “*A influência da cultura no comportamento de prevenção do câncer*” que por muito tempo criou-se um tabu acerca do uso da palavra “câncer”, comumente relacionada por pacientes a mitos e fatalidades (CESTARI, 2005, p. 56).

Ao observar essas questões, se pararmos para pensar, quando evitamos falar em algo, restringimos o acesso à informação e à democratização de conteúdos esclarecedores. Sem esse conhecimento, como podemos conversar com nossos amigos e família sobre uma doença que mata significativamente homens e mulheres em todo o mundo?

Questionamentos como esse foram o pontapé inicial para que, em 2015, quando minha mãe descobriu que tinha câncer em uma das mamas, minha família e eu lançássemos o olhar ao mundo das pesquisas, dos depoimentos, no universo particular do paciente oncológico entre a rotina de consultas, exames, cirurgias.

Pensando nas questões que envolvem a vida desse paciente e os direitos que lhes são assegurados, a feitura de um site multimídia pretende ser um suporte para histórias da vida de pessoas que já tiveram câncer de mama e das que ainda estão no processo de descoberta e tratamento. Além, claro, de ter o intuito jornalístico de disseminar informações relevantes ao público geral e alertar sobre a importância de conhecer e cuidar do próprio corpo como a principal forma de prevenção.

Sobre esse cuidado com saúde feminina, a Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM)³ divulgou há quatro anos uma pesquisa onde alertava que apenas 25% das mulheres com mais de 50 anos estão em dia com a mamografia. O exame é considerado fundamental para a detecção da doença e pode ajudar na possível identificação antes mesmo do início dos sintomas, ainda que o laudo final só pode ser dado por meio de uma biópsia.

Iná Escóssia, médica e mastologista cearense, explicou durante a entrevista intitulada “*As lições sobre o (se) cuidar*”, dada ao Jornal O Povo⁴, em 2015, que o Ceará teve mudanças consideráveis no cenário e tratamento da doença, porém, a biópsia ainda é um dos

³ Só 25% das mulheres acima de 50 anos fazem mamografia regularmente. Disponível em: <<http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/02/so-25-das-mulheres-acima-de-50-anos-fazem-mamografia-regularmente.html>>. Acesso em 23 set. 2018.

⁴ <http://www20.opovo.com.br/app/especiais/outubrorosa/2015/2015/10/26/notoutubrorosa2015,3524259/as-licoes-sobre-o-se-cuidar.shtml>

maiores desafios, pois não pode ser feita em todas as clínicas e somente este resultado assegura ao paciente o início o tratamento.

A Lei Nº 12.732, sancionada em 2012, diz que “o paciente com neoplasia maligna receberá, gratuitamente, no Sistema Único de Saúde (SUS), todos os tratamentos necessários”, contudo, muitas mulheres ainda precisam enfrentar a carência de informação e fila de espera em hospitais. A Lei ainda estabelece o prazo de até sessenta dias após o laudo final do diagnóstico para o início do tratamento.

A reconstrução mamária gratuita pelo SUS também é assegurada pela Lei 12.802/2013, porém, a fila de espera às vezes pode demorar o período de seis meses a um ano, o que faz com que muitas mulheres desistam no meio do procedimento. Como forma de minimizar essa espera, alguns mutirões organizados por cirurgiões plásticos acontecem nas capitais brasileiras.

Este trabalho multimídia propôs, como um dos vieses, apresentar como esses direitos assegurados por lei são atendidos nas unidades de tratamento em Fortaleza, cruzando com narrativas de quem passa ou já passou por esse processo. Questionamentos sobre o acesso à saúde, à educação, sobre as percepções individuais e os métodos alternativos de tratamento formam parte da realidade de cada um dos entrevistados e foram a base para a realização do especial *Conviver: trajetórias sobre câncer de mama*. A escolha por trabalhar com *webjornalismo* foi feita pelas diferentes possibilidades de linguagens e gêneros, com a convergência para um único produto com as produções visuais, audiovisuais, radiofônicas e textuais.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Narrar a história de pessoas que têm e/ou tiveram câncer de mama através de uma narrativa que destaque a jornada pessoal do indivíduo, os processos médicos do paciente oncológico, a relação consigo e com a família.

3.2 Objetivos Específicos:

Alertar sobre a importância da prevenção para o diagnóstico precoce da doença;

Contar história de mulheres que superaram o câncer de mama ou que estão na fase de tratamento e apresentar como suas vidas estão, como se percebem e o que mudou;

Posicionar a família e os grupos de apoio como peças-chave para a continuidade do tratamento;

Problematizar as questões voltadas ao direito do acesso à saúde e efetividade dos tratamentos;

Apresentar métodos alternativos às formas de tratamento convencional;

Mostrar que o diagnóstico de câncer não é o final da vida, mas pode ser encarado como um recomeço.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

É fato que qualquer pessoa no mundo corre o risco de ter câncer: algum tipo de câncer, em algum grau específico, em algum momento da vida. De forma mais comum, as maiores ocorrências são registradas entre adultos a partir dos 50 anos ou idosos, porém, não é regra, e o Instituto Nacional de Câncer (Inca) ressalta que a doença não pode ser considerada hereditária, ainda que em alguns casos o histórico familiar possa ser considerado um motivo de alerta.

A palavra “câncer” vem do *grego karkínos*, que significa caranguejo, e faz uma referência ao formato do nódulo que se forma no seio, com um foco central e ramificações. Ela também é utilizada para definir um conjunto de mais de 100 doenças em que o crescimento desorganizado das células acaba por invadir tecidos do corpo humano e órgãos vizinhos.

O crescimento das células cancerosas é diferente do crescimento das células normais. As células cancerosas, em vez de morrerem, continuam crescendo incontrolavelmente, formando outras novas células anormais. Diversos organismos vivos podem apresentar, em algum momento da vida, anormalidade no crescimento celular – as células se dividem de forma rápida, agressiva e incontrolável, espalhando-se para outras regiões do corpo – acarretando transtornos funcionais. O câncer é um desses transtornos. (SAÚDE, 2012, p. 18)

O câncer não é considerado uma doença nova, aliás, os registros mais antigos comprovam que a neoplasia já foi identificada, em múmias, há mais de três mil anos antes de Cristo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) indicou em seus dados de 2017 que, por ano, cerca de 8,8 milhões de pessoas morrem por conta de alguma neoplasia maligna, a maioria em países de média e baixa renda, como o Brasil. Apesar dessa informação, o Inca afirma que

Nos cenários nacional e mundial, o reconhecimento de que nosso país se situa entre os que mais têm avançado na consolidação de um sistema integrado de vigilância de informações sobre câncer, tendo inclusive, nesse campo, contribuído com as experiências exitosas sobre as estimativas na região das Américas e no contexto mundial (BRASIL, 2018, p. 8)

A instituição ainda aponta em estimativa que, dos casos nacionais, 324.580 podem acometer homens e 310.300 podem atingir as mulheres, se considerarmos os dez tipos mais comuns em cada sexo. De acordo com essa análise, o câncer de mama é responsável por 29,5% do total dos casos femininos e constitui primeiro lugar.

O câncer na mama não tem uma causa específica, mas alguns fatores em comum são associados dentre as pacientes com a patologia. O Ministério da Saúde (2014, p. 4) divide as

possíveis causas em três fatores de risco, sendo eles: ambientais, hormonais e genéticos. O fator ambiental é caracterizado pelo sedentarismo, consumo de bebida alcoólica, exposição frequente a radiações ionizantes, obesidade e sobrepeso. Na questão hormonal é elencada a primeira menstruação antes dos 12 anos, não ter tido filhos ou primeira gravidez após os 30 anos, menopausa após os 55 anos e reposição hormonal pós-menopausa. Já nas questões genéticas leva-se em consideração o histórico familiar de câncer de mama e ovário, principalmente em parentes de primeiro grau e alguma possível alteração genética.

Gomes (2016, p. 13) enfatiza que “quanto mais exposta está a pessoa aos fatores de risco supracitados, mais atenta deve se mostrar diante do aparecimento de sinais e sintomas indicativos da presença do câncer de mama”. O sintoma mais evidente, que pode ser identificado através de exame clínico e/ou do próprio toque, é a presença de um nódulo bem definido, de contorno irregular, duro e indolor, conhecido popularmente como “caroço”. Outras mudanças visíveis a olho nu e que podem ser somadas aos sintomas é a saída de secreção pelo mamilo, coloração avermelhada na pele e modificação na forma da mama.

A busca pela população assintomática também é um elemento importante para a construção de ações que evidenciem a necessidade da realização dos exames de prevenção, considerados elementos fundamentais para a detecção precoce da doença. Apesar de não evitar o desenvolvimento da neoplasia, são eles (os exames) que podem diagnosticar a paciente ainda na fase inicial e possibilitar o tratamento em tempo hábil.

Quando diagnosticado o câncer de mama, várias são as opções terapêuticas disponibilizadas para a mulher, implicando em algum grau de sofrimento, especialmente quando submetida a mastectomia. Além deste procedimento cirúrgico, muitas mulheres enfrentam tratamentos de radio e quimioterapia complementares, que também são agressivos. (FERREIRA; FRANCO; QUEIROZ; 2002, p. 47)

Por Lei, o Sistema Único de Saúde (SUS) garante, após o reconhecimento e biópsia da patologia, o atendimento e tratamento gratuito ao paciente. Nesse contexto, apesar de ser um direito das mulheres, apenas três municípios no Ceará oferecem o suporte de tratamento no serviço público. Fortaleza, Sobral e Barbalha, de acordo com o mapa dos locais de atendimento do Inca (2018), dividem entre si a responsabilidade de acolher a paciente oncológica. A falta de unidades de saúde no interior do estado e o fato de que 80% do suporte hospitalar estejam concentrados na capital cearense é um dos motivos para que inúmeras mulheres fiquem desassistidas.

Ao pontuarmos questões como essa, torna-se evidente, apesar dos avanços nas últimas décadas, que ainda há um déficit no atendimento e direcionamento do público feminino,

principalmente de baixa escolaridade, para o acesso à informação. Questões religiosas, mitos e tabus também refletem na efetividade. Também nota-se, por parte da mídia, a ausência do aprofundamento da temática, uma vez que, em sua maioria, é tratada apenas de forma distante, como simples números.

5 SUPORTE ADOTADO

O *webjornalismo* cresceu a partir do final do século XX, com implantação efetiva a partir da segunda metade dos anos 1990 e estabilidade efetiva no final da década (PRADO, 2011, p. 31). Com o passar dos anos, com a inserção de novas tecnologias e maior acesso por parte da população, a abrangência se intensificou e os modelos de comunicação online ganharam novas possibilidades. Assim, a internet se firmou como um potencialidade para o modelo de jornalismo na *web* e como suporte para as diferentes formas de linguagem.

Ward (2006, p. 21) coloca que “a publicação *online* pode abrir novas possibilidades na disseminação de informações e estabelecer um relacionamento mais dinâmico com o leitor”. Ao considerar os elementos que compõem esse modelo de jornalismo, Palácios (2003) elenca seis pontos característicos, sendo eles a multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e, como bônus soma-se a instantaneidade do acesso (PALÁCIOS, 2003, p. 75).

Os *websites* também são vistos por Ward (2006, p. 22) como uma possibilidade real de oferecer “texto, áudio, gráficos, animações, imagens fixas e filmes” em uma única plataforma. Ele complementa, ainda, com o fato de que a multimídia pode fornecer “texturas múltiplas” para a prática jornalística, uma vez que você pode “ouvir o depoimento de uma testemunha ocular enquanto lê o relatório do jornalista” (WARD, 2006, p. 22).

Pensando em todas essas questões, para este projeto, optou-se pela criação de um produto multimídia, de *webjornalismo*, a partir do interesse em compartilhar, com diferentes linguagens e materiais complementares ao tema central, a vida do paciente oncológico de forma mais sensível, onde a aproximação com a rotina do indivíduo, com as feições das personagens, mudanças estéticas sofridas, sons e espaços percorridos fossem mais realistas.

Compor eficazmente uma mensagem multimídia implica coordenar tipos de linguagem ou formatos que tradicionalmente se manipulavam em separado. De facto, até há bem pouco tempo, a escrita, a linguagem fotográfica, a criação sonora e a narrativa audiovisual seguiram caminhos independentes. (SALAVERRIA, 2014, p. 32)

Conviver: trajetórias sobre câncer de mama decidiu pela criação de um material que não ofereça “apenas conteúdos e informações, mas que também desperte o sentimento do usuário” (COMBER; PEREIRA; SILVA; 2018, p.168) em diferentes níveis.

Aproximar o usuário do fato que está sendo narrado é um dos objetivos que os profissionais da comunicação buscam alcançar ao produzir conteúdos jornalísticos. O advento das novas tecnologias possibilitou ao jornalismo experimentar novos

formatos de contar histórias, a exemplo, das narrativas imersivas, que buscam inserir o leitor no ambiente e assim oferecer um conteúdo interativo, aprofundado e atrativo. (COMBER; PEREIRA; SILVA; 2018, p. 166)

Ainda que o jornalismo *online* possa ser multifacetado, as técnicas de escrita e de entrevistas continuam a ser prioridade, mesmo que o caráter multimidiático estreite um pouco os laços com a fonte. Neste trabalho, as narrativas buscam ser menos factuais e mais literárias, subjetivas. Sobre isso, Campos (2009) pontua algumas como fundamentais para desenvolver essa escrita. Ele destaca a imersão nos conteúdos e relacionamento com os entrevistados como algumas delas. “Nas histórias de vida, antes de mais nada, é preciso conquistar a simpatia do entrevistado. E isto não se faz com meias-verdades” (CAMPOS, 2009, p. 137).

Dentro da perspectiva jornalística, a subjetividade permite o despertar de sentidos a partir da vivência dos entrevistados até chegar ao leitor, uma vez que toda essa produção trabalha com atores sociais. Para Borelli (2005, p. 6), “o jornalismo é um dos ‘lugares privilegiados’ para construção da atualidade e realidade social, dentro de um campo mais abrangente - da mídia. Isto se efetiva porque o jornalismo é o espaço onde se constrói sentidos a partir do que de fato ocorreu”.

Para a maioria dos autores contemporâneos, a objetividade tão difundida ao longo da história do jornalismo serviu apenas para propagar a superficialidade. Em função disso, a tendência moderna prega o jornalismo como dispositivo de produção de sentidos, como estatuto de construção da realidade, onde é impossível não significar. (BORELLI, 2005, p. 6)

A escolha por esse suporte, portanto, justifica-se pelo desejo de proporcionar ao visitante diferentes experiências sensoriais que contribuam com a imersão do usuário dentro da temática, com uma experiência de abordagem mais subjetiva. Durante todo o trabalho, o uso de recursos como gráficos, infográficos e mapas aparecem como forma didática para reforçar e acrescentar às informações.

6 METODOLOGIA

A construção desse trabalho se dá no âmbito das Ciências Sociais, em que trabalhamos com o pressuposto da subjetividade, onde os indivíduos possuem particularidades e especificidades que necessitam de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, Goldenberg (2011, p. 14) diz que “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc”.

Por esse motivo e de forma inicial, a elaboração dos conteúdos iniciou com um levantamento bibliográfico e documental, entre livros, artigos, revistas, cartilhas educativas, reportagens e estimativas oficiais. Somaram-se a esses materiais de pesquisa alguns produtos audiovisuais (fotos, vídeos, sites da web) que permitiram maior embasamento para o direcionamento da criação do produto final desse trabalho.

Fonseca (2002) explica que “a pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente de livros e artigos científicos localizados em bibliotecas” e a pesquisa documental, por sua vez, “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico” (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37), como é o caso de tabelas estatísticas, jornais, documentos oficiais, etc.

Alves e Sebrían (2008) trabalham diferentes conceitos e autores para descrever esse jornalismo mais “humano” e o explicam como parte “do desejo de descobrir as pessoas, o contexto social em que vivem, no qual a narrativa teria uma marca autoral, inovadora. Trata-se de humanizar as técnicas profissionais em prol da vitalidade do cotidiano”. (ALVES; SEBRIAN; 2008, p. 8).

É desse modo que Ijuim (2012), ironicamente, estuda a busca por “humanizar” o jornalismo que, como ele aponta, em essência, já devia ser humano. A reflexão sistematiza questões que humanizam e desumanizam esse processo foram consideradas na feitura do trabalho final.

O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. Em seu trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. (IJUIM, 2011, p. 133)

Em *Conviver: trajetórias sobre câncer de mama*, o fio narrativo foi construído através das falas e histórias de nove personagens que tiveram – ou ainda têm – câncer de mama. A entrevista foi utilizada como instrumento de pesquisa, de forma a ilustrar as vivências e especificidades dos pacientes oncológicos a partir da perspectiva individual.

Goldenberg (2011, p. 85) descreve que o pesquisador, inicialmente, deve entrevistar as pessoas que parecem saber mais sobre a temática em foco, uma vez que estão no topo de uma hierarquia de credibilidade.

Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que o seu conhecimento é parcial e limitado. (GOLDENBERG, 2011, p. 13)

Pensando nisso, cinco entrevistas com especialistas foram realizadas com o intuito de coletar informações para o desdobramento da narrativa. Os entrevistados foram os mastologistas Luiz Porto e Paulo Vasques, a onco hematologista Paola Torres, o psicólogo Benevides Silva, as enfermeiras Cícera Lobo e Adrielle Oliveira, o terapeuta integrativo Franisberto Teixeira e Valéria Mendonça, coordenadora do movimento Outubro Rosa Ceará.

Ao todo, tomamos conhecimento de 30 histórias. Dezoito delas chegaram através de um formulário⁵ feito no *google forms*, doze foram realizadas em entrevistas presenciais e dessas últimas, nove compõem o site. Alice Ferreira Gomes (professora aposentada), Ardiely Vasconcelos (técnica em segurança do trabalho), Maria do Socorro (dona de casa), Marlene Silva (dona de casa), Paulo Afonso (bancário aposentado), Renata Fontenele (dona de casa), Tereza Veras (dona de casa), Vlândia Freitas (professora) e uma última fonte, que é camareira e teve a identidade preservada por mencionar questões íntimas do relacionamento com o marido.

Para guiar todo o processo descrito acima, foi feita uma lista prévia de perguntas direcionada para cada uma das fontes. Como suporte da pesquisa, todas as entrevistas foram gravadas em áudio, e, quando possível, em vídeo. As outras etapas do projeto surgiram com a finalidade de ilustrar de forma mais ampla os números e materiais coletados, com as particularidades de um paciente com câncer de mama no Ceará. A produção iniciou no primeiro semestre letivo de 2019, com o acréscimo de informações ao projeto original, com o levantamento de novos dados e o com acompanhamento de reuniões sobre o tema, como a Comitê Municipal de Câncer de Mama, que possui reuniões mensais em todas as primeiras

5

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc548JMqexRzUvnLUIINO6ecE64EUrESZI5Or4bXnO3yRr8NQ/viwwform>

quintas-feiras dos meses. A partir daí, o contato começou a ser estabelecido com algumas fontes.

A marcação/execução das entrevistas aconteceram entre os meses de julho e novembro, com foco no mês de outubro. Diferentes formas de apuração foram feitas. De modo presencial, pode-se destacar a ida até associações, locais de trabalho dos especialistas, casa de personagens, eventos e palestras sobre o tema. Algumas entrevistas também foram feitas de forma *online*, por falta de disponibilidade de tempo e horário, com o uso de plataformas interativas, como o *whatsapp*.

O processo de edição do material, sob a orientação da professora Dahiana Araújo, iniciou no mês de setembro, com envio semanal de materiais. Pouco a pouco as edições eram feitas e formavam o produto final.

Já o processo de escrita das reportagens foi feito a partir da construção de quatro grandes pautas, apontadas no site com os nomes: identificar, educar, reconhecer e humanizar. Cada uma delas abordou diferentes enfoques, com a seleção prévia dos entrevistados, passando pelo processo de edição e revisão pela orientadora.

Os gráficos, infográficos e mapas interativos foram criados em plataformas *online*, como o *my maps*, do *google*, o *myhub*, e pelo *infogram*.

Todas as entrevistas passaram pelo processo de transição e decupagem, a fim de escolher as informações que entrariam no corpo do texto, em formato de vídeo ou por áudios. O programa *audacity* foi o escolhido para a edição das sonoras disponíveis ao longo das reportagens, com informações adicionais e com intuito de dar respiros dentro do texto. A produção dos vídeos foi feita no formato mp4 e todos estão disponíveis na plataforma *YouTube*, de forma direcionada pelo próprio site.

7 ESTRUTURA DO TRABALHO

Conviver: trajetórias sobre câncer de mama foi pensado dentro da disciplina de Técnicas de Investigação Jornalística, no sexto semestre do curso. Lá, o trabalho foi elaborado com o objetivo de apresentar a jornada do paciente oncológico não apenas nos processos médicos que envolvem a doença, mas principalmente nos aspectos mais individuais, como, por exemplo, a relação consigo, com amigos e familiares. A pergunta motivadora foi: o que mudou no dia a dia dessas pessoas e qual a percepção que elas têm da vida após cruzar com a doença?

Para isso, as cinco reportagens desenvolvidas foram escritas a partir de nove personagens, que apesar das idades, profissões, diagnósticos e tratamentos, tiveram algo em comum. A produção visou ser menos clínica e mais intimista, mais humana. O editorial da produção foi escrito em primeira pessoa, com o intuito de passar a minha experiência com a descoberta do câncer da minha mãe, em 2015. Além de fotos do dia da cirurgia, também consta no site o depoimento dela, como forma de complementar (e mostrar a percepção dela) as informações abordadas.

A primeira reportagem, intitulada de “identificar”, traz questões pertinentes sobre o câncer de mama no Ceará, como as estimativas de incidência, dados de mortalidade, formas de tratamento, fatores de risco e fatores preventivos. Esta aba se configura como um grande panorama do estado, inclusive, por apontar, em mapas interativos, todos os locais de atendimento para mamografia, quimioterapia, radioterapia e biópsia, com dados obtidos através da Lei de Acesso à Informação pela Secretaria de Saúde do Ceará.

“Educar” é uma reportagem crítica sobre como os fatores educativos influenciam na descoberta e no tratamento do câncer de mama. Para além da questão de saúde, as ações educacionais se firmam como fundamentais para o processo de cura dos pacientes. As diferenças econômicas e sociais são tidas como determinantes sobre quem tem direito à vida e acesso às consultas e formas de tratamento.

A terceira desenvolvida é “reconhecer”, que apresenta a visão psicológica das inúmeras particularidades que as pacientes com câncer possuem e as diferentes maneiras como se percebem. A matéria trabalha com percepções individuais das personagens, que precisam encarar, muitas vezes, mudanças estéticas que influenciam diretamente na autoimagem e na sexualidade.

Por último, “humanizar” é uma reportagem radiofônica que insere o ouvinte no universo do tratamento humanizado. A opção por este modelo foi feita para ambientar o

ouvinte no propósito comunicativo, de passar leveza e tranquilidade. O roteiro foi desenvolvido com base na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), previstas pelo Ministério da Saúde do Brasil, que apresenta 29 atividades paliativas ao tratamento do câncer (yoga, biodança, reiki, medicação, etc). Para somar ao conteúdo, temos como guia as práticas realizadas no Instituto Roda da Vida, em Fortaleza.

O projeto gráfico do site foi pensado para ser simples e claro, com informações de fácil acesso. A paleta de cores foi criada a partir do diálogo com as personagens, que demonstram orgulho em participar do movimento rosa. Dessa forma, foi estabelecida uma paleta com diferentes tons da cor, que representam as diferentes histórias e os diferentes tons de pele. As ilustrações foram feitas a partir de imagens reais. Um exemplo é a que consta na abertura inicial, que teve como inspiração um dos bordados da exposição Reflorescer, que esteve presente durante o mês de outubro no espaço Casa Bendita, em Fortaleza, e foi feita por pacientes oncológicas.

Para dar respiros no texto, usam-se fotos, vídeos e infográficos, que, às vezes, possuem o recurso de hiperlinks, para direcionar o visitante a outras páginas que tratam sobre o tema e oferecem diferentes conteúdos e informações. No decorrer das páginas, o recurso de usar ícones também aparece, com textos adicionais. *Charlinda*, fonte cursiva, é a que marca os títulos do site e também é usada no nome do especial, pois remete a uma escrita à mão, mais intimista. A fonte *Cambria* aparece nas informações reveladas pelos ícones, em textos menores. Para o corpo dos textos e intertítulos, Soletto foi a escolhida. A fonte não serifada torna-se, em telas de computadores, mais legível.

As edições de imagens e de ilustrações foram feitas a partir dos *softwares* Adobe Photoshop, Adobe Illustrator e Adobe Premiere. Para compor a trilha sonora dos vídeos, optou-se por músicas tranquilas e leves, como a *Meadows*, disponível na biblioteca livre do *YouTube*, e na reportagem em formato de áudio, o fundo musical é composto pela *Fresh Fallen Snow*, também disponível na plataforma.

8 CONCLUSÃO

Conviver: trajetórias sobre câncer de mama foi um trabalho multimídia que demandou bastante tempo e esforço para a sua construção, mas que teve resultados muito relevantes, como a importância de falar sobre este tema em perspectivas mais amplas, nas formas econômicas, geográficas e sociais.

Este trabalho mostrou como é válido ir além dos números para descobrir novas histórias, com um olhar sensível, de forma a quebrar estereótipos e fomentar discussões. *Conviver* lançou um olhar mais humanizado para as vivências de pacientes oncológicas do estado do Ceará, prezando pelos processos de entrevistas e apuração, qualidades necessárias para a produção jornalística, e concluiu como é fundamental essa abordagem que considera o percurso individual das pessoas para falar de uma temática que envolve milhares de pessoas não apenas no Brasil, como no mundo.

A feitura deste trabalho, desde a concepção, era mostrar como o jornalismo pode ir além de meros dados e contar trajetórias reais, que abrangem, inclusive, questões individuais de cada personagem que contribuiu com sua narrativa. *Conviver: trajetórias sobre câncer de mama* é um primeiro degrau para futuras abordagens, no âmbito da comunicação, sobre como questões de saúde podem influenciar - ou são influenciadas - diferentes fatores presentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Guarapoava: Intercom, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc_do_cancer_2ed.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **CÂNCER DE MAMA: é preciso falar disso**. 2014. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cancer_mama_preciso_falar_disso.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil**. 2018. Disponível em: <<http://www1.inca.gov.br/estimativa/2018/estimativa-2018.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Controle dos cânceres do colo do útero e da mama**. 2013. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controle_canceres_colo_uterio_2013.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **A VIGILÂNCIA, O CONTROLE E A PREVENÇÃO DAS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS**. 2005. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/DCNT.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

BORELLI, Viviane. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>>

CESTARI, Maria Elisa Wotzasek. **A influência da cultura no comportamento de prevenção do câncer**. Dissertação (Mestrado). Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2005.

CAMPOS, Pedro Celso. Gêneros do Jornalismo e técnicas de entrevista. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.127-141, 3 jul. 2009. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p127>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p127/10422>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

COMBER, Thaísa Brandão; PEREIRA, Luana Gregório; SILVA, Fernando Firmino da. Narrativas em 360 Graus de Realidade Virtual no The New York Times e no El País: Jornalismo Imersivo e Distribuição Multiplataforma. **Temática**, João Pessoa, n. 02, p.161-176, fev. 2018.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao Roteiro**. São Paulo: Summus, 2009.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FERREIRA, Maria de Lourdes da Silva Marques; FRANCO, Carolina Baruffi; QUEIROZ, Fernanda Cristina. Construindo o significado da mastectomia: experiência de mulheres no pós-operatório. **Revista de Ciências Médicas**, Campinas, v. 11, n. 01, p.47-54, jan. 2002. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/1306/1280>>. Acesso em: 17 set. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOMES, Altamira Mendonça Félix. **Conhecimento, atitude e prática de mulheres com câncer de mama sobre os métodos de detecção precoce**. 2016. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

IJUMIN, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: Algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 7, n. 2, p.117-137, 10 ago. 2012. Semestral. Disponível em: . Acesso em: 10 abr. 2019.

LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Org.). **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LEVI, Renato. O audiovisual e o documentário nos cursos de jornalismo. São Paulo, 2014.

LUIZ, Olinda do Carmo. **Temas Interdisciplinares: jornalismo e comunicação da ciência**. São Paulo: Cescos, 2004.

NORDESTE, Diário do. **Ceará é o segundo do Nordeste em óbitos por câncer**. 2018. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/ceara-e-o-segundo-do-nordeste-em-obitos-por-cancer-1.1925979>>. Acesso em: 17 set. 2018.

_____. **Ceará pode ter 22,7 mil novos casos de câncer em 2018, afirma Inca**. 2018. Disponível em:

<<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/ceara-pode-ter-22-7-mil-novos-casos-de-cancer-em-2018-afirma-inca-1.1890415>>. Acesso em: 17 set. 2018.

_____. **Mortes por câncer devem chegar a 9,6 milhões neste ano, estima OMS.** 2018. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/vida/online/mortes-por-cancer-devem-chegar-a-9-6-milhoes-neste-ano-estima-oms-1.2001498>>. Acesso em: 17 set. 2018.

_____. **Mutações não hereditárias são a principal causa de câncer de mama em mulheres jovens.** 2018. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/vida/online/mutacoes-nao-hereditarias-sao-a-principal-caoa-de-cancer-de-mama-em-mulheres-jovens-1.1991528>>. Acesso em: 17 set. 2018.

_____. **Pesquisa revela impacto do câncer de mama avançado na vida afetiva, doméstica e financeira.** Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/vida/online/pesquisa-revela-impacto-do-cancer-de-mama-avancado-na-vida-afetiva-domestica-e-financeira-1.1942806>>. Acesso em: 17 set. 2018.

PALÁCIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. In: FIDALGO, Antonio; SERRA, Paulo (Org.). **Informação e Comunicação Online.** Covilhã: Livros Labcom, 2003. p. 75-89. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: Ltc, 2011.

PINHEIRO, Glícia Rodrigues. **Afetividade e ambiente hospitalar: construção de significados pelo paciente oncológico com dor.** 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1508>>. Acesso em: 15 set. 2018.

POVO, O. **As lições sobre o (se) cuidar.** 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/especiais/outubrorosa/2015/2015/10/26/notoutubrorosa2015,3524259/as-licoes-sobre-o-se-cuidar.shtml>>. Acesso em: 17 set. 2018.

_____. **Mutirão no CE realiza reconstrução mamária em até 50 mulheres.** Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cidades/2018/09/mutirao-no-ce-realiza-reconstrucao-mamaria-em-ate-50-mulheres.html>>. Acesso em: 17 set. 2018.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Covilhã: Livros Labcom, 2014. p. 25-50. Disponível em: <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/121>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

SAÚDE, Organização Mundial da. **Comunicação eficaz com a mídia durante emergências de saúde pública.** 2009. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/comunicacao_eficaz_midia_durante_emergencias.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

SILVA, Anna Paula Sousa da. **Ações básicas de detecção precoce e fatores de risco para o câncer de mama em mulheres atendidas em uma unidade básica de saúde Fortaleza-**

Ceará. 2008. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1897>>. Acesso em: 15 set. 2008.

VASCONCELOS, Alberto. Jornalismo de Saúde - Evidências de um processo de especialização. Caleidoscópio: **Revista de Comunicação e Cultura**, [S.l.], n. 5/6, July 2011. ISSN 1645-2585. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2250>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

WARD, Mike. **Jornalismo Online**. São Paulo: Roca, 2006.